

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História. a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.* Bauru: Edusc, 2007. 256 p.

Nathália da Costa Amedi¹
Renilson Rosa Ribeiro²

A história está aprendendo, talvez, que mais do que desencantar ela precisa encantar seus leitores e aqueles que a fazem.

O professor-pesquisador Durval Muniz de Albuquerque Júnior reúne em seu mais novo livro, *História. a arte de inventar o passado*, uma coletânea de ensaios que nos chega em muito boa hora. Ler (e ouvir) Durval Muniz é sempre um convite ao deleite e um bom pretexto para reafirmar a nossa paixão pela história. Fruto de mais de dez anos dedicados ao magistério superior no campo da Teoria da História, ministrando cursos nesta área de especialização, para alunos de graduação e pós-graduação, seus textos, tendo como temática central: as diferentes maneiras de se escrever a história, convida-nos a um outro olhar sobre o passado, ao aproximar a sua escrita de um tom mais literário, sem deixar de lado o rigor dos conceitos necessários a sua análise. De escrita cativante, audaciosa e criativa, a sensibilidade poética na abordagem dos temas provoca certo desconforto para aqueles acostumados ao terreno seguro da ordem científica, presos aos fundamentos dogmáticos da chamada *história-verdade-objetiva*. Seu livro é um belo mosaico de ensaios que formam uma bela colcha de retalhos com diferentes cores e tonalidades.

Durval Muniz é doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É autor de: *A Invenção do Nordeste e outras artes*; *Nordestino: uma invenção do “falo”* – uma história do gênero masculino e *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar* – as fronteiras da discórdia. Trabalha ainda com História das identidades espaciais, História de Gênero, História da Cultura e Teoria da História.

1 Licenciada em História pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

2 Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Rondonópolis. Doutorando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Com prefácio deste livro, contamos com Manoel Salgado Guimarães, que debate a importância dessa obra na historiografia brasileira e o percurso intelectual trilhado pelo autor. O livro está dividido em três partes com uma série de artigos dedicados à escrita da História, a relação entre a História e a Literatura, fazendo uma análise de autores importantes para a historiografia contemporânea, com uma série inteira de artigos dedicados ao filósofo francês Michel Foucault, que teve muita influência no pensamento de Durval Muniz e, para finalizar, uma reunião de artigos variados. São textos em sua maioria curtos, mas com forte poder de arguição, crítica e estilo.

Na Introdução, o Durval Muniz traça um panorama de como ele pensa o ofício do historiador, marcando posição quanto aos principais temas que são objeto de análise em nosso campo de atuação, ao mesmo tempo contextualiza e problematiza o conceito de invenção, palavra muito recorrente em nossa área, cerne de seu trabalho como historiador. O autor apresenta uma consistente abordagem sobre o momento reflexivo pelo qual vem passando a História, a preocupação com a questão da narrativa, da própria escrita da História e de como está participa na elaboração do fato, demonstrando a dimensão ficcional, poética e “inventiva do discurso do historiador” (p. 20-21). Os objetos e sujeitos se desnaturalizam e passam a ser pensados como fabricação histórica, com criação por meio dos discursos, deixando de lado o caráter metafísico e racionalista, isso desde a “virada lingüística” da década de setenta do século XX.

Ainda nesta parte introdutória, Durval Muniz debruça-se sobre a divisão um tanto artificial na historiografia contemporânea entre a História Social e Cultural. Não menos importante, uma discussão sobre a noção de evidência da História emerge em suas reflexões, ou seja, a ilusão que se tem de que os fatos se impõem ao historiador, que interroga as evidências com perguntas que revelariam o passado tal como aconteceu, como se não fosse o historiador que as evidenciasse por intermédio de seus procedimentos e aparatos teórico-metodológicos os eventos que mais o interessam. Para o autor, “Não podemos pensar que a História escreve a si mesma, que os fatos se impõem ao historiador, que se impõem como evidência” (p. 32). Manter essa atitude diante da

“evidência” da história seria como se acreditássemos que uma rede se faz por si mesma sem a intervenção do artesão. Assim igualmente é a história, que, “tecida” pelas mãos do historiador, através da sua linguagem e narrativa, a fabrica e a traduz.

Nos artigos da primeira parte, o autor persegue a relação entre a História e a Literatura, dissolvendo essa oposição clássica entre historiadores e literatos, demonstrando os seus pontos comuns e seus limites, em que, como afirma Durval Muniz, “(...) a clara defesa de um campo de saber mal disfarça a luta pelo poder no interior da academia” (p. 12). O autor questiona-se por que será que os historiadores temem tanto a Literatura. A sua hipótese é de que essa oposição, de longa data, seja fruto de um questionamento da Literatura sobre o próprio estatuto do saber histórico e o caráter inventivo de nosso ofício. Ao longo dos ensaios desta parte, peregrinando pelos textos de Clarisse Lispector, da dupla Bouvard e Pécuchet, de Fleubert, de Franz Kafka e do poeta Manoel de Barros, o objetivo do autor “(...) não será separar a História da Literatura, não será encontrar seus limites e suas fronteiras, mas articulá-las, pensar uma com a outra.” (p. 44). O que Durval Muniz pretende vislumbrar é a dimensão artística de nosso ofício e de nossa prática, tomando a história como a arte de inventar o passado, mas sem esquecer a dimensão metódica da produção do saber, de sua marca científica e dos limites impostos pelo “nosso” arquivo, só podendo ser historicizado aquilo que deixou rastros.

A segunda parte da coletânea é dedicada aos trabalhos de Foucault em seis instigantes ensaios. Interessante destacar o segundo, em que o autor analisa a obra de Foucault, à luz de sua produção, relacionando o trabalho do filósofo com sua existência, com sua maneira de ser e estar no mundo e com seus costumes. Aqui Durval Muniz propõe que o pensamento do francês seja usado, que suas idéias sejam discutidas e que se distancie de um certo senso comum que prevalece na abordagem de suas idéias. O ensaio seguinte debate a diferença entre a forma como Edward P. Thompson utiliza o conceito de experiência e a forma como Michel Foucault utiliza o mesmo conceito, apresentando as diferenças nas formas de se pensar a História e a práticas historiográficas desses autores. Para o autor, Thompson a limita, a sua noção de experiência

é remetida a um sujeito fundante, a um sujeito coletivo, com base nas classes sociais, já o filósofo evita essencializar às experiências históricas, não buscando nelas um caráter fundacional. De acordo com Foucault, nada é fixo no homem, suas experiências são fragmentárias, os sujeitos são históricos como também é sua natureza.

Nos dois ensaios seguintes são analisados, ainda com base no pensamento de Foucault, a questão do objeto histórico, propondo a desnaturalização dos objetos da história, de pensá-los como construções discursivas; também aborda a questão do ‘jogo’ na história, sendo ela mesma pensada como uma espécie de jogo, aberta as incertezas. Ela seria como uma ficção resultante da imaginação humana, e da sua descontinuidade, sempre interpretada por meio de novas regras, novos sentidos. Durval Muniz pretende analisar a historiografia como uma luta pelo poder, disfarçado de verdade. Por fim, ele traz uma singela homenagem a Foucault, o homem que morreu de rir, de si, dos outros e dos poderes instituídos, que utilizou o riso como arma.

A terceira e última parte da coletânea é composta por seis ensaios que, embora não tenham uma temática comum, constituem certa unidade entre si. É discutido temas sobre a relação entre história e memória; a singularidade dos eventos históricos; a relação entre a escrita e a oralidade – a chamada história oral; a prática historiográfica e seus desafios contemporâneos.

No primeiro ensaio, Durval Muniz aborda a questão da manipulação da memória pelos historiadores, sejam elas, escritas ou orais, individuais ou coletivas, que nos últimos tempos vem sendo importante fonte para o trabalho da “gestação da História”. Ele critica a escassez de estudos sobre os diálogos entre as memórias e a História diante da fecundidade de tal relação. Para o autor, o que se vê na chamada História Oral é a falta de discussão sobre os aspectos teóricos e metodológicos de quem trabalha com memórias no campo historiográfico. A necessidade de cuidados que vão desde a conceituação de memória e História, que evite considerar as memórias como um discurso mais verdadeiro, mais próximo da “verdadeira história”, se contrapondo a “história oficial”, desde uma clara definição dos métodos, tanto na coleta de dados destas memórias como seu uso no interior do discurso historiográfico.

Segundo Durval Muniz, a relação dos historiadores com as memórias é uma relação de violência : “a História é também uma violência que se pratica com as armas dos conceitos, do pensamento, da razão. Por mais bem intencionado que o historiador esteja em relação ao buquê de memórias que tenha coletado, ele terá de deflorá-la para poder gestar a História” (p. 206).

A História ressignifica o que fica de memórias dos indivíduos e das identidades. A violência do historiador, que com seus conceitos, dá novos significados a essas memórias ao recortá-las ou destruí-las, e a partir delas gestar a história.

Ainda neste mesmo caminho mas discutindo a História Oral, no quarto ensaio o autor vai tratar da “(im)possibilidade” da História Oral, como bem diz ele “uma história que se diz oral, mas que se faz por escrito” (p. 229). Ao observar que esta anula significativamente a manifestação dos gestos e das emoções de quem fala pela interferência do roteiro, e também pela presença do historiador-entrevistador, ele próprio personagem da entrevista, Durval Muniz questiona: “terá ela conseguido converter a derrota histórica das oralidades para a escritura? Não me parece, até porque ela seria um agente infiltrado, que continua em busca dos segredos dos que falam para escrevê-los, tornando-os documentos, inscrevendo-os como monumentos” (p. 229). Mas acredita que nesta (in)definição está todo o seu charme, seu encanto e sua produtividade. Para além de provocar os historiadores que trabalham com a história oral, ele tenta debater com estes profissionais e busca respostas também para suas inquietações, ao assumir que: “A história é mais um artefato que reafirma a dominação dos que escrevem sobre os que falam” (p. 233).

Essa lucidez de Durval, ao assumir essa relação de poder da escrita sobre a oralidade, só reafirma o cuidado que temos que ter ao trabalhar com as fontes, seja elas quais forem, para tentar, mesmo sendo impossível, não “matar” pela nossa escrita os sujeitos que dela fazem parte.

Para finalizar, num ensaio com a sensibilidade a flor da pele, Durval Muniz faz uma homenagem a um historiador, que não existe materialmente falando, mas muito vivo por meio de sua obra e de seu pensamento, seu professor-orientador, na Universidade Estadual de Campinas,

e amigo Alcir Lenharo. Ele analisa as contribuições de Alcir Lenharo para a produção historiográfica, que segundo Durval Muniz, era uma aventura carnal, uma questão de sensibilidade mais do que racionalidade. Segundo o seu amigo-orientador, produzir História é uma forma de se aproximar do outro, do estranho, e dele fazer um amigo, e para, além disso, estabelecer uma relação de intimidade com o seu tempo e com o pensamento. Para ser historiador é necessário uma certa generosidade, distribuir pistas, indícios, instrumentos para a livre reflexão de quem quer que seja. O que fica como reflexão, sobre Alcir aos olhos de Durval Muniz, amigos em vida e na vida, é essa capacidade de se encantar pelo outro, na História e pela História, de luta contra todas as formas de opressão que impedem as pessoas de se “fertilizarem mutuamente”, uma luta constante contra toda forma de injustiça e preconceito (p. 215).

Como bem destaca Manoel Salgado Guimarães, no prefácio da coletânea, ler os ensaios de Durval Muniz é “partilhar a pergunta sobre o que efetivamente nos faz humanos (...) Sobre isso nos fala o livro de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. A isso nos convida sua escrita e sua leitura, a nos deixar tocar pela força das palavras em sua dimensão poética quando tratamos de nosso ofício” (p.16).

Para além do ambiente puramente acadêmico, problematizando o próprio mundo em que vivemos e o que estamos fazendo de nós mesmos, é uma escrita para fazer amigos, uma escrita de amor à vida e ao mundo, talvez esse o grande desafio de Durval Muniz e todos nós, procurando fugir das cadeias identitárias e essencializantes. Boa leitura a todos!